

Capítulo 5 – Feridos. Descanso.

Seguiram o mapa de Assiral e chegaram à saída da caverna. Em dado momento, Lariata desejou seguir por outro caminho, mas como estava cansada demais, deixou a habitual teimosia de lado. Já Baliak, que também tinha feito um mapa, apenas acompanhou as decisões de Assiral sem emitir uma única opinião. Eram pouco mais de dez horas da manhã quando respiraram ar puro novamente e viram a luz do sol. Caminharam se arrastando e tropeçando rumo a Bringth e gastaram mais do que o dobro do tempo para chegar à cidade, pois se viram obrigados a parar por várias vezes para trocar bandagens e descansar. O quadro era peculiar, Joukthups e Nitia, que possuíam um porte físico mais frágil e normalmente imprimiam um ritmo mais lento ao grupo, eram os mais dispostos e auxiliavam montanhas de músculos, como Arthins e Lariata, a caminhar dando o ombro e apoio.

Quando chegaram ao alto das colinas e avistaram a cidade sentiram-se aliviados por terem feito uma viagem tranqüila e retornarem para o lar, era tarde da noite e a cidade que margeava o rio Angev surgia no pequeno vale. As várias lanternas que iluminavam as ruas e as construções mostravam que seus habitantes ainda estavam acordados e atarefados. Os portões da cidade estavam fechados, como tem sido costume nos últimos dias, mas ao verem o grupo, os guardas se apressaram em abri-los gritando empolgadamente:

__Eles voltaram! O grupo voltou! Chamem o capitão!

__Iremos decepcionar a todos. – disse Baliak sem que os guardas ouvissem. – Eles pensavam que entraríamos carregados de soluções! Devíamos ter pensado nisso antes, talvez tivesse sido melhor passar a noite na cidade dos anões para não decepcioná-los. – O tom e a maneira na qual o meio-elfo se referiu a Laipem demonstrou que ele rapidamente aprendeu a respeitar o lugar, usando um tom que agradaria até mesmo à Baraz-Bund.

__Você devia ter pensado nisso antes de nos fazer enfrentar aquele cavaleiro! – disse Maliha.

__Devia mesmo! – disse Assiral. – Não poderei passar uma noite agradável acompanhado com as melhores concubinas! Elas me prometeram companhia se trouxéssemos algo de valioso. Maldição!

__Vocês deviam estar agradecidos por estarem vivos! – disse Joukthups.

__A isso eu agradeço a bela Nitia-Gandriel. – respondeu Assiral, provocando a elfa. Ela simplesmente o ignorou, pensando: “Concubinas! Que tipo de elfo é esse?”. Constantemente ela se decepcionava com o amigo.

__Mas nós trazemos algo de valioso. – respondeu Arthins. – Não encontramos uma chave?

__Sim, exatamente. – respondeu Joukthups. – Mas não creio que seja uma boa idéia revelar essa descoberta, principalmente ao regente Helios. Ele pode criar um grande estardalhaço por nada e encher o povo de falsas esperanças o que geraria ainda mais decepção que levaria a perda de nosso apoio, pois o povo nos verá como charlatões. Portanto, eu descobrirei primeiramente maiores informações sobre essa chave. Conheço arcanos de confiança na cidade e alguns livros que podem me auxiliar a identificar o encantamento. – após um breve silêncio, no qual ninguém se manifestou, Joukthups continuou. – Todos de acordo? – Todos concordaram, mas Assiral parecia insatisfeito.

__Droga. Lá se vão minhas concubinas. Talvez com a chave eu conseguisse ao menos uma companhia. – disse Assiral concordando e indiretamente expressando o sentimento do grupo, pois todos desejavam usufruir a fama, cada qual a sua maneira. Esse diálogo durou apenas o tempo dos guardas abrirem o resistente portão de madeira que ao se abrir revelou um homem que esperava pelo grupo. Ele tinha ombros e peitoral largos, talvez tão forte quanto Arthins, possuía uma grande espada de duas mãos embainhada nas costas e uma armadura de placas de metal e cota de malha cobrindo o corpo. No peitoral de sua armadura havia o símbolo da guarda de Bringth, o mesmo utilizado pelos conselheiros do condado de Dalrag. Seu formato redondo mostrava o cruzamento de uma flecha, um martelo e uma espada; armas que simbolizavam cada uma das raças do condado. O homem tinha cabelos longos e escuros, uma feição séria e uma barba por fazer. Ao seu lado vinham dois outros soldados, com distintas armaduras, deixando claro que se tratava de membros da guarda de elite da cidade. Os três se aproximaram, observando o estado do grupo. A visão não era animadora, pois aqueles que eram tidos como heróis que iriam salvar o condado estavam em estado quase maltrapilho. Usavam armas e armaduras de boa qualidade, mas as carregavam com fraqueza como se fosse um fardo. A primeira vista parecia que os heróis eram sobreviventes do front de batalha de uma guerra sangrenta, tais

como as que eram travadas nos reinos do norte. O humor inabalável de Assiral contrastava com os ânimos de todos que já começavam a se irritar com o meio-elfo.

Quando estavam a cerca de dois ou três metros do grupo o homem de cabelos longos disse:

__Boa noite. Meu nome é Lurran e sou o capitão da guarda de Bringth. Vejo que a primeira incursão não foi muito bem sucedida. – após se aproximar do grupo, disse em tom mais baixo. – Ao bem da verdade, creio que foram mais longe do que a maioria. Ao menos conseguiram voltar com vida. – Joukthups fez uma mesura ao capitão e respondeu em tom mais alto:

__De fato, fomos mais longe que a maioria, mas não tão longe quanto gostaríamos. Sofremos muitas baixas e gostaríamos de ser aceitos novamente na cidade, pois precisamos de um leito confortável e tranquilo para passar a noite e seguir nossa missão.

__Vocês são bem vindos, amigos. A cidade de Bringth os receberá com muita esperança. – respondeu Lurran, abrindo caminho e recebendo-os com o braço direito. À medida que eles caminhavam uma pequena multidão aglomerou-se ao redor do grupo.

__Gostaria de conversar com vocês. Poderiam me acompanhar até a casa de armas da cidade? – perguntou Lurran, quando percebeu que não conseguiria conversar com privacidade sob o olhar de tantos curiosos. Joukthups concordou com a cabeça e eles avançaram tão rápido quanto possível. Pessoas aqui e acolá apareciam para ver seus heróis. O rosto de preocupação e cochichos entre os camponeses demonstravam que eles começavam a perder a fé no grupo. Eles ficaram ausentes por tão pouco tempo, que era difícil acreditar que eles tinham se aventurado no labirinto. Nitia esmoreceu ao ver aquele povo decepcionado e entristecido. O povo pobre, humilde, que mal tinha recurso para sobreviver parecia ser aquele que mais sentia a possibilidade de fracasso dos heróis. Ver a chance de fazer um bem aquele povo entristecido era uma importante força que impulsionava a elfa a continuar nessa nova aventura.

Assim que chegaram à casa de armas conseguiram um pouco de privacidade, pois a guarda manteve-se na entrada da construção dispersando os curiosos. O edifício era alto e largo, possuindo três andares bem distribuídos. No primeiro ficava um grande salão, com vários aparelhos e armas de madeira, era visivelmente o local onde os soldados eram treinados. No andar superior ficavam os dormitórios, com fileiras de camas e bicamas, que

neste momento ainda estavam vazias. Neste andar encontravam-se soldados humanos na grande maioria, mas também anões, elfos, meio-elfos e até mesmo halflings. Uns conversavam, outros jogavam cartas, divertiam-se como lhes era permitido. Assim que o grupo entrou no andar eles puseram-se de pé e em silêncio, em respeito ao capitão que entrava no grande aposento. Mantiveram silêncio esperando uma ordem de Lurran, que disse de forma firme e altiva:

__Descansar rapazes! Voltem às suas atividades! – os soldados obedeceram, mas sem deixar de observar o estado em que se encontrava o grupo. Alguns demonstraram preocupação, outros (principalmente os anões) reagiram com naturalidade, afirmando que sabiam que eles receberiam uma surra no labirinto.

O grupo foi levado ao andar superior, local onde havia algumas salas reservadas, onde os oficiais se reuniam. Havia enfeites ao redor da sala, com escudos, espadas e símbolos do condado e no centro uma grande mesa oval com várias cadeiras. Após o grupo ter se acomodado, o capitão tomou a palavra colocando sua grande espada sobre a mesa, ainda embainhada.

__É preciso privacidade nesses dias tenebrosos em que nossa Santa Água desaparece. Vejo que voltaram vivos. Isso sim já é um feito. O que encontraram lá?

__Não voltamos todos. – respondeu Baliak, rispidamente. – Nosso amigo, o anão Baraz-Bund, morreu em combate.

__Sinto pela perda. – respondeu Lurran respeitosamente. – Recordo-me. Vocês eram nove e agora são apenas oito. Baraz-Bund tombou em batalha e em sua pátria, ao menos ele encontrará sua paz.

__Assim esperamos. – respondeu Maliha.

__Adiantem-me o que aconteceu enquanto estiveram lá. O que encontraram? – continuou o capitão.

__Muitos morto-vivos. – respondeu Joukthups. – Muitas criaturas malignas habitam o local. Deparamos-nos com muita destruição, mas ainda nenhum sinal que ligue Suineg aos acontecimentos de Laipem ou Bringth.

__Compreendo. – respondeu o capitão analisando o mago. – Gostaria de ser informado sobre o que descobrirem no labirinto antes do conselho e principalmente antes do regente.

__E por que lhe deveríamos confiar as informações em primeira mão? Sequer fomos contratados por você. – perguntou Arthins em tom forte.

__Vocês não foram contratados por Helios, mas sim pelo povo de Bringth, pelo povo deste condado! – respondeu Lurran. – Além disso, tenho motivos para desconfiar de todos dessa cidade.

__Certamente deveríamos confiar em você... – respondeu Arthins.

__Façam como preferirem. Saibam que suas decisões influenciarão a vida de muitos. – após respirar profundamente, e encarar cada um dos oito aventureiros, ele continuou. – Ficarei no aguardo de novos contatos e não se preocupem, pois serão sempre bem-vindos na cidade. É melhor vocês seguirem para uma taverna, antes que algum espião nos denuncie.

O grupo foi escoltado até a saída e dirigiram-se à Taverna Pouso do Norte onde a aventura havia começado. A noite não era de festa, mas mesmo assim dezenas de pessoas estavam no local bebendo e conversando, animados por uma pequena banda, com um flautista, bandolim e tambor. O clima alegre e descontraído contrastava com o ânimo abatido do grupo que foram ao balcão, sendo bem recebidos por Murin, o estalajadeiro, que via nova chance de ver crescer o movimento na taverna.

__Olá! – disse Murin alegremente. – Se não são nossos heróis? Em que posso servi-los?

__Precisamos passar uma noite agradável. – respondeu Assiral.

__Tenho o que precisam. – disse Murin. – Vejo que estão feridos, mas espero que isso não os impeça de beberem algumas canecas de cerveja! – Assiral fez menção de responder, quando foi interrompido por Joukthups, que disse:

__Infelizmente irá nos impedir hoje, Murin. Temos que nos recuperar dos ferimentos e voltar àquela cidade na pedra. Precisamos de um quarto grande que comporte a todos nós.

__Vocês estiveram no labirinto? A notícia que correu a pouco é que foram atacados por ladrões na estrada!

__Nenhum ladrão nos faria recuar. – respondeu Lariata. – É claro que estivemos no labirinto. Perdemos um amigo lá, inclusive.

__Ah, sim. O anão! – respondeu Murin, espantado. – Parece que há uma maldição contra os anões naquele lugar! Está lenda está se confirmando.

__Como assim? – perguntou Maliha.

__Basta ligar os fatos. – disse o estalajadeiro chegando mais próximo e dizendo em um tom mais baixo. – A praga que lá apareceu massacrou os anões, morreram todos, inclusive os que vieram do Reino de Yurik para resgatá-los. Se todos vocês entram e saem vivos, e somente o anão morre, fica ainda mais evidente a maldição, não?

__Você e sua imaginação, Murin. – respondeu Joukthups. – Pegue a chave do quarto, por favor.

__Uma chave? Tem certeza que vão ficar todos em um único quarto? – respondeu Murin com espanto.

__Já disse que sim, agora vá buscar a chave! – respondeu Joukthups rispidamente. Montanhas de músculo como Arthins e Lariata eram excelentes intimidadores, mas um usuário de magia era alguém que não devia ser irritado, pois nunca se sabe em que forma ele poderia lhe transformar. Murin obedeceu rapidamente e retirou-se por uns instantes, procurando pela chave. Assiral falou com espanto:

__Por que iremos dormir todos juntos? Terei que agüentar o ronco de vocês! Preferiria o corpo quente e suado de uma bela humana.

__Acostume-se! – respondeu Joukthups, irritado. – Esta cidade não é mais confiável, forças ocultas começam a aparecer, e talvez nós precisemos uns dos outros durante a noite. Além disso, temos que conversar e tomar algumas decisões. – Assim que Joukthups terminou sua fala, Murin retornou sem dar tempo de resposta aos demais.

__Aqui está. Já lhes trouxe a chave. Não há necessidade de irritar-se, senhor. Apenas acho que vocês merecem um conforto maior.

O preço da estadia não foi tão caro quanto de costume, pois Murin lucrava com a preferência dos aventureiros e por isso oferecia descontos. A simples notícia de que eles estavam hospedados na taverna fazia com que o movimento duplicasse, com curiosos que esperavam para ver o estado dos novos heróis. No entanto, nesta noite os curiosos ficaram decepcionados, pois ninguém do grupo desceu e até mesmo Assiral e Joukthups, que normalmente não recusavam umas taças de vinho, cederam ao cansaço. O grupo estava cansado e os ferimentos ainda doíam e exigiam descanso. Enquanto todos se preparavam

para deitar, guardando suas armas e armaduras, Tsuguio sentou-se de pernas cruzadas, e durante alguns minutos manteve-se concentrado. Em seguida rompeu o silêncio, com seu sotaque característico:

__Joukthups, você disse que precisávamos conversar...

__Tem razão, melhor começarmos antes que sejamos vencidos pelo cansaço. – respondeu o arcano. – Na verdade tenho várias perguntas, mas acho que uma resume todas elas: Em quem devemos confiar? Helios ou Lurrán? – o grupo manteve-se em silêncio. Eles não estavam acostumados em ver Joukthups fazer perguntas, pois geralmente era o arcano que as respondiam. Desta vez ele se manteve em silêncio, e Nitia disse:

__Não sei dizer, pois nunca estive com este regente. Vocês já se encontraram com ele e devem ter uma melhor opinião.

__Eu não confio em Helios. – respondeu Arthins. – Me parece uma pessoa muito ambiciosa. Alguém que poderia se vender facilmente.

__E como sabe disso? – perguntou Lariata.

__Eu apenas sei. – respondeu Arthins tentando evitar novas perguntas. O homenzarrão já esteve com o regente nas primeiras negociações, juntamente com os demais. Em seu íntimo ele sabia que o regente não era confiável, pois é fácil para um ambicioso identificar outro semelhante.

__O fato é que o desaparecimento da Santa Água aconteceu justamente sobre sua regência. – respondeu Baliak, que se mantinha em silêncio na maior parte do tempo. Até mesmo Tsuguio parecia conversar mais do que ele. O meio-elfo continuou. – Garanto-lhes que esse sumiço não foi obra de nenhuma guilda local. Reconheço que não teríamos a capacidade para tal e mesmo se o fizéssemos seria apenas como prova de nossas capacidades e logo o artefato seria devolvido. Não temos interesse em desproteger a cidade, principalmente em época tão sombria, muito menos cem anos após o ataque à Laipem.

__Finalmente disse algo que tenho plena concordância. – respondeu Joukthups. – Também acho difícil que isso seja obra das guildas locais. – após uma pausa, ele continuou. – Isso me faz crer que o ocorrido teve anuência de membros influentes da cidade e por isso acredito que não devemos confiar em Lurrán ou Helios até termos mais informações.

__À medida que formos avançando e bem sucedidos. – respondeu Arthins. – Eles tentarão nos matar e mandarão assassinos. Aí poderemos descobrir quem é confiável.

__Não sei, acho que devemos confiar em Helios. Afinal foi ele que nos contratou. – opinou Maliha. – O que falaremos quando ele perguntar como segue a aventura?

__Diremos o que eu disse ao capitão. – disse Joukthups. – não devemos confiar em ninguém ainda.

__Talvez o capitão seja o mais confiável. Ao menos ele abriu nossos olhos. – respondeu Lariata.

__Isso não o impede de ser o traidor, pois talvez ele tenha feito isso justamente para receber as informações em primeira mão. – respondeu Tsuguo.

__Ah, uma pena. Ele é tão bonito. – respondeu Lariata, cutucando Maliha desajeitadamente.

__Bonito? Credo! Parecia uma montanha de músculos! Prefiro alguém menor, com uma beleza mais misteriosa. – respondeu a jovem cruzando rapidamente o olhar com Tsuguo. O homem do norte gemeu e tomou a palavra antes que percebessem que a mensagem havia sido direcionada a ele:

__O que quero dizer, é que nenhum deles é confiável.

__Oh, por Natusiest. Como se explorar o labirinto já não fosse complicado o suficiente. – disse Nitia, suspirando.

__É isso! – exclamou Baliak, subitamente. – Realmente explorar o labirinto não é algo fácil. Se pensar bem verá que é uma empreitada mortal. E se explorar o local for uma armadilha? – o grupo se calou, pois ainda não haviam pensado nessa possibilidade. Joukthups tentou responder a pergunta.

__É um pensamento válido, Baliak. Talvez estejamos sendo usados como uma peça sobre um tabuleiro.

__Não há dúvida de que estamos sendo usados. – respondeu Arthins. – A questão é por quem e para o que.

__Ai, ai. Vocês são muito animadores, sabiam? – respondeu Nitia.

__O que o grande homem quer dizer, Nitia. – respondeu Tsuguo. – É que podemos estar servindo a propósitos malignos. Ou simplesmente estamos sendo utilizados para acalmar o povo, enquanto um mal maior se aproxima.

__Mal maior?! Que mal maior? – perguntou a elfa.

__Não sei. – respondeu o homem do norte. Tsuguo pouco falava durante os diálogos mundanos entre o grupo. No entanto, ele possuía uma mente ágil quando se tratava de conspirações. O homem-do-norte continuou. – Pode ser qualquer coisa, como pode não ser nada. Mesmo assim, acho que devemos continuar pelo labirinto.

__E por quê? – perguntou Baliak.

__Porque ambos desejam isso: O capitão e o regente. – respondeu Tsuguo. – Sendo assim, o traidor nos faz ir para Laipem pensando em nos levar para uma armadilha. Já nosso aliado nos leva na esperança de encontrarmos respostas sobre o desaparecimento da Santa Água.

__E se... – disse Baliak, parando um pouco para pensar. – E se o capitão e o regente forem aliados?

__Isso não faz sentido! – disse Maliha.

__Bem, eles poderiam fingir amizade e conquistar nossa confiança. Assim, com um deles sentiríamos a vontade para revelar o que descobrirmos, mas em nossa ausência eles trocariam informações e colocariam em curso algum plano maior.

__Por Mowendrus! Isso é paranóia! – exclamou a jovem necromântica.

__Infelizmente, temo em concordar que essa possibilidade também faz sentido. – respondeu Tsuguo. Joukthups estava satisfeito, pois percebeu que seus amigos não eram feitos apenas de músculos e perícias de combate. Eles também sabiam pensar e perceber bem o mundo à sua volta. O arcano continuou após um breve silêncio do grupo.

__Bem amigos, sejamos práticos, pois podemos passar a noite pensando em infinitas possibilidades válidas que nossa fértil imaginação permite. O que faremos amanhã? Iremos nos preparar para ir à Laipem? Mudaremos o rumo e vamos para Gorlab? Afinal Gorlab também foi alvo de ataques no passado e há exatos cinquenta anos.

O grupo havia esquecido dessa possibilidade. A cidade portuária havia sido destruída cinquenta anos após Laipem e por isso também poderia ser um local importante para se conseguir informações. Vez que ninguém respondeu, Arthins tomou a palavra.

__Eu acho que deveríamos continuar a avançar pelo labirinto, por mais perigosa que essa opção possa parecer. Dessa maneira despistaríamos “o” ou “os” traidores, pois não se atreverão a entrar lá para nos matar. Além disso, encontramos uma chave que pode responder às nossas perguntas. – Todos concordaram com a cabeça, com exceção de

Assiral que já roncava em sua cama. Nem mesmo após uma noitada o elfo aparentava estar tão cansado. O grupo riu discretamente do amigo o que marcou um dos poucos momentos descontraído deste longo dia em que muitos deles se viram próximo à morte pela primeira vez. Puseram-se a deitar, enquanto Nitia-Gandriel trocava as talas e bandagens dos feridos. Por fim, ela foi trocar as bandagens de Assiral e quando começou a tocá-lo, ele resmungou em élfico:

__Than-Tilias, oh Than-Tilias. – Ele parecia delirar, mas não estava febril. Enquanto ela trocava a bandagem no peito do elfo, ele permaneceu repetindo o nome com os olhos fechados e tremendo levemente a cabeça. O nome Than-Tilias era desconhecido para Nitia, mas soava como um nome élfico feminino, parecia que o elfo enfim demonstrava uma face menos fanfarrona de um passado oculto em seus pesadelos. Ela o acolheu e tirou uma mecha de cabelo que tampava seu rosto. De repente, os olhos de Assiral se abriram, ele sorriu e disse:

__Eu estava sonhando contigo! Meu sonho virou realidade!

__Você é uma vergonha, sabia? – respondeu Nitia empurrando-o e apertando levemente o ferimento do elfo, mas de uma forma que não atrapalharia a cicatrização. Ele gemeu de dor, mas dormiu bem-humorado. Já Nitia dormiu irritada pela existência de elfo tão indigno.

Nitia-Gandriel acordou antes dos demais. Possuía o hábito de acordar com o sol no rosto e por isso despertava cedo, mesmo quando em um local fechado. O sol mal havia nascido e o aposento ainda estava escuro. Todos estavam deitados e ela resolveu verificar os ferimentos de cada um deles. Primeiramente verificou Assiral, da maneira mais discreta possível, pois não queria acordá-lo e ter que ouvir mais comentários. Ele dormia pesadamente e seus ferimentos pareciam cicatrizar normalmente. Fez o mesmo nos demais, mas quando foi verificar Tsuguio notou algo estranho, aparentemente os curativos estavam diferentes do que ela havia deixado, mas ainda assim estavam bem firmes e limpos. “Ele deve ter se limpado e trocado as bandagens”, ela pensou. Finalmente, ela foi verificar Maliha, que estava menos ferida. Assim que a tocou a jovem necromântica encolheu-se assustada:

__Desculpe-me. Você estava acordada? – perguntou Nítia, tentando acalmar a jovem.

__Ah, não. Quero dizer, sim! Acho que sim. – respondeu Maliha, confusa.

__O que há de errado? – perguntou Nítia desconfiada. – Por que não estava dormindo?

__Não há nada de errado. É que eu, é... Eu não estava conseguindo dormir.

__Hum, e por que isso? Não está suficientemente cansada?

__Bem, sim, mas eu estava preocupada com Tsuguio. Ele gemeu muito pela noite, aí troquei os curativos, e fiquei observando ele de tempos em tempos. Estava com medo de ele ficar com febre.

__Observando ele? Entendo. Então ele melhorou?

__Sim, sim. – disse a jovem envergonhada. Nítia não se deu por satisfeita e continuou perguntando.

__Espero que não tenha desrespeitado o voto dele e visto seu rosto...

__Não, não! Absolutamente... Mas é... Eu me pergunto... Será que ele bonito? Por que ele esconde o rosto? Será alguma deformidade?

__Ele é um homem-do-norte, Maliha. Nunca entendi os costumes desse povo. De fato, Tsuguio é o primeiro homem-do-norte que conheço. É possível que seja apenas um costume ou promessa, talvez ele tenha vergonha de sua origem e queira ocultá-la ao máximo.

__Que pena. Eu ia ficar muito feliz se não fosse uma deformidade.

__E por que isso?

__Bem, é... Coitado dele, sendo algo hereditário, ia ser preciso um grande clérigo de Mowendrus para recuperar seu rosto. Isso seria muito desagradável e triste... para ele.

__Certamente. – respondeu Nítia, sabendo que a jovem não contava toda a verdade. Em seu íntimo a elfa sabia o quanto Maliha estava agradecida com o homem-do-norte pela sua atitude em combate e notou que desde então um sentimento crescia na jovem humana. Temia apenas pela reação de Tsuguio, que poderia não corresponder aos sentimentos de Maliha. Nítia continuou. – Bem, acho melhor você descansar. Nunca sabemos quando precisaremos de suas magias. Descanse minha jovem.

Maliha dormiu assim como Nitia que ainda estava cansada e resolveu dormir mais um pouco. Dentro de uma ou duas horas o grupo acordou e após uma breve conversa resolveram se separar para ganhar tempo. Joukthups, Nitia, Maliha e Baliak foram aos centros arcanos em busca de objetos mágicos e informações sobre a misteriosa chave marrom. Assiral, Tsuguio, Lariata e Arthins seguiram aos armeiros da cidade para comprar equipamentos. No entanto, antes de saírem precisavam decidir como ficaria a divisão das peças de ouro encontradas junto aos morto-vivos. Eles eram oito, mas possuíam apenas quinze peças.

__ Isso dá exatamente duas peças para cada. – disse Lariata inadvertidamente.

__ Não, alguém vai ter que ficar com apenas uma. – respondeu Nitia.

__ Pois que seja aquele que quase nos levou à morte! – respondeu Maliha, ainda ressentida, encarando Baliak. O meio-elfo se enfureceu, mas foi obrigado a se conter e não responder, pois parecia que não receberia apoio dos demais. Ao encará-los percebeu que cada um reagia de maneira diferente. Joukthups e Lariata apoiavam Maliha e lançavam olhares repreensivos ao meio-elfo. Nitia, Tsuguio e Assiral evitaram encará-los e ficaram cabisbaixos ou olhando para os lados. O único que parecia apoiar o meio-elfo era Assiral, que respondeu:

__ Lembrem-se que temos esse tesouro graças a Baliak.

__ Não estou explorando aquilo pelo tesouro. Sou jovem, tenho uma longa vida pela frente e não pretendo morrer pela cobiça dos outros! – respondeu Maliha, duramente. Sua pele branca estava rosada de raiva.

__ Ela está certa, Arthins. Coloquei o grupo em risco. Não mereço a mesma parte do tesouro. – disse Baliak em tom desanimado, escondendo seus sentimentos. Para ele, a jovem Maliha estava sendo hipócrita, pois se ela estava tão despreocupada com os tesouros, porque não buscava uma forma de dividir igualmente? Não era apenas a raiva que o consumia, mas também o desânimo e tristeza. Ainda sentia a perda de Baraz-Bund e sabia que Maliha tinha razão quando dizia que havia colocado o grupo em risco desnecessário. Sua honra e seu orgulho estavam feridos e guardou sua moeda de ouro, seguindo o grupo de cabeça baixa, quieta e tímida. Pensava em uma maneira de recuperar sua honra perdida enquanto seguia com Maliha, Nitia e Joukthups, que não lhe demonstraram nenhum apoio.

Antes de saírem, Nitia fez novas magias de cura em todos os feridos, que agora possuíam uma aparência menos fragilizada e mais vívida. O quarteto de usuários de magia caminhou pelas ruas da cidade rumo a um centro arcano onde Joukthups era conhecido em silêncio e discrição. Apesar de este ser o local onde Joukthups era sempre encontrado, eles foram furtivos, pois a visita poderia levantar suspeita quanto à possibilidade de terem encontrado algo de valioso no labirinto.

Lá chegando, Joukthups conduziu-os entre as estantes de livros e pergaminhos, que formavam um labirinto tão complicado quanto Laipem. Finalmente chegaram a uma mesa onde havia um senhor humano de barbas longas e descuidadas e cujo manto era marrom de tanta poeira e ácaro. O odor de toda a construção era forte e insuportável para aqueles que possuíam problemas respiratórios. Alguns milhares de livros podiam ser encontrados ali, mas a grande maioria eram mapas, livros de histórias, contos, parábolas, canções e arquivos das reuniões do conselho do condado. Logicamente, livros e pergaminhos arcanos também podiam ser encontrados, mas apenas tinha acesso aquele que fosse da ordem arcana da região.

Assim que se colocaram diante do velho homem, ele levantou lentamente a corcunda, fitando o grupo com espanto e sorrindo ao ver Joukthups. Ele estava ocupado lendo um velho pergaminho e possuía óculos remendados que planavam sobre o livro. Enquanto sorria para Joukthups, seus óculos levitaram até a ponta de seu nariz. Ele o ajeitou, corrigindo o foco e disse, com uma voz aguda e rachada:

__Jouk! Vejo que seus dias de aventura ainda não acabaram! Realmente você está me saindo um elfo arcano muito peculiar! – Joukthups respondeu com uma mesura e disse com um leve sorriso:

__Bom dia, senhor Piltrom. De fato parecem longe de terminarem. Necessito conversar com o senhor em particular.

__Piltrom? – perguntou Nitia espantada. – Este é o mago Piltrom? Membro do conselho e mais poderoso mago do condado? É uma honra conhecê-lo! – disse a elfa fazendo uma mesura. Maliha a Baliak fizeram o mesmo.

__Sim, sou eu. As pessoas não estão acostumadas a me ver nessas condições, nesses trajes de pesquisa. – disse o mago levantando-se com dificuldades e batendo as mãos nas

vestes, levantando uma pequena nuvem de pó. – Sempre apareço em público com a barba limpa, após um banho e com vestimentas mais adequadas. Queiram desculpar-me.

__Nós é que devemos desculpas pela intromissão. – disse Joukthups. – Fui obrigado a interrompê-lo em seus estudos matinais, pois tenho uma revelação importante. Na verdade, precisamos conversar em particular com o senhor.

__Certamente. Queiram me seguir. – O velho arcano conduziu-os até uma sala no fundo da construção, que era um local no qual não seriam incomodados. Lá chegando, sentou-se em uma cadeira, visivelmente cansado. Piltrom estava velho e até mesmo uma curta caminhada parecia debilitar seu corpo, por isso ele despendia a maior parte de seu tempo estudando.

__Desfaça o mistério, Jouk. – disse Piltrom, com uma voz rouca. – O que encontrou em suas aventuras?

__Esta chave. – respondeu Joukthups mostrando a chave de pedra marrom.

__Hum! O que há de mais em uma chave! – respondeu o mago, resmungando em um primeiro momento. Em seguida ele analisou a chave mais de perto, colocando seus óculos, conitnuou. – Oh! Interessante! Um item muito valioso! Muito valioso mesmo! Onde a encontraram?

__Junto com um cavaleiro da morte e alguns zumbis. – respondeu Maliha. – Quase nos levaram a vida.

__Um cavaleiro da morte? Guerreiro incansável. Imagino que tenha sido um combate muito perigoso. O que havia junto a essa chave?

__Nada. – respondeu Joukthups. – Sinto que ela é mágica, mas não pude identificar seu poder.

__Sim, meu amigo. Ela é mágica e sua por direito, mas se fosse minha a guardaria em segurança. Ela carrega um grande poder consigo, pois um terrível mal pode sair do local que ela tranca. Não revelem a ninguém quanto a essa chave, pode ser perigoso.

__Por quê? Que magia há nela? – perguntou Baliak.

__Se não sabem até agora é porque ainda é muito cedo. Se esta chave apareceu a vocês talvez não seja bom desfazer-se dela. Deve haver um motivo para seu aparecimento nesses dias difíceis. No momento certo vocês saberão seu propósito e conseqüentemente o

que fazer com ela. Devem esperar, pois nem mesmo os profetas predisseram o que acontecesse nesses últimos dias.

__Assim seja, Piltrom. – respondeu Joukthups fazendo uma breve mesura. – Agradecemos pela atenção e voltaremos assim que tivermos novidades. Temo não ter tempo para mais conversas, o nosso tempo urge.

__Vão amigos. A esperança do condado está depositada em vocês. – respondeu o mago tocando nas costas de Joukthups.

Ao saírem do centro arcano o grupo seguiu rumo à taverna, discutindo o que haviam conversado com Piltrom.

__Eu detesto isso, os arcanos sempre falam por parábolas! – disse Maliha, com uma revolta típica dos jovens humanos. – Também é assim no templo de Mowendrus. Um saco!

__Acalme-se, minha jovem. – respondeu Joukthups. – Devemos confiar na sabedoria e boa vontade de Piltrom. Se ele preferiu se comunicar assim, é porque esta era a melhor opção.

__De qualquer maneira. – disse Nitia. – Acredito que devemos manter discrição quanto a essa chave, pois os inimigos ocultos dessa cidade podem nos perseguir por conta dela.

__Concordo. – respondeu Baliak. – Precisamos ter certeza em quem podemos confiar.

Chegaram à taverna e instalaram-se em uma mesa. Pouco tempo depois o restante do grupo retornou dos armeiros, mas não compraram novos equipamentos, apenas Lariata e Arthins adquiriram poções de cura em uma loja especializada, para o caso de novos ferimentos em batalha. Estas poções estavam presas à cintura para que pudessem ser bebidas rapidamente em combate. Após informarem sobre a conversa com Piltrom passaram o dia conversando animosidades, e planejando as próximas ações. Maliha passou boa parte do tempo, próximo a Tsuguio, ainda demonstrando grande gratidão e interesse pelo misterioso homem-do-norte. Assiral irritava Nitia-Gandriel sempre que possível, fazendo comentários e insinuações. Arthins e Lariata contavam histórias de combates e disputavam constantemente para ver quem era o mais forte e habilidoso em combate. Até mesmo Joukthups estava relaxado, voltando ao seu estado que era normal antes do início da aventura. Havia bebido demasiadamente e contava histórias engraçadas misturando a língua

dos homens e dos elfos. Durante esse dia o grupo parecia unido e mudava de humor apenas quando o assunto os fazia notar a falta do anão Baraz-Bund. Mesmo assim, o clima era agradável e o bem-estar era sentido por todos, ou quase todos, pois Baliak permaneceu quieto e silencioso durante a maior parte do tempo.

Deitaram-se cedo após se cansarem de tanto beber e contar histórias aos desconhecidos que estavam sempre chegando. A noite foi tranquila e pacífica, mas não para todos do grupo.